



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

FRANCISCO MARTINS SARMENTO NA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA E EUROPEIA DO SÉCULO XIX.

LEMOS, Francisco de Sande

Ano: 1999 | Número: 109a

Como citar este documento:

LEMOS, Francisco de Sande, Francisco Martins Sarmiento na Arqueologia Portuguesa e Europeia do século XIX. *Revista de Guimarães*, Volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia, 1999, p. 39-49.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

Francisco Martins Sarmiento

na Arqueologia Portuguesa e Europeia do século XIX

Francisco de Sande Lemos*

Revista de Guimarães, Volume Especial, I, Guimarães, 1999, p. 39-49

Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmiento foi uma das figuras preponderantes da cidade de Guimarães, no último quartel do século XIX, um benemérito e um investigador de renome nacional e europeu. Estudioso independente e livre, conviveu com alguns dos nomes mais ilustres do seu tempo, entre os quais recordamos Camilo Castelo Branco, ou Alberto Sampaio. Interessou-se pela Etnologia e Arqueologia da sua região e do seu país, dedicando a sua vida a investigar as raízes étnicas dos Galaicos e dos Lusitanos. Pelas pesquisas que realizou na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso, pelos inúmeros apontamentos que recolheu sobre a região de Entre Douro e Minho, é um marco da História da Arqueologia Portuguesa, sendo, também, um dos pioneiros dos estudos proto-históricos na Europa. Pelo seu prestígio como homem e investigador, reuniu em torno de si, com modéstia e sem ostentação, um grupo de amigos fiéis, legando a Guimarães e a Portugal, uma obra científica, uma Sociedade, uma Revista, um Museu e o que suponho ter sido o primeiro Parque Arqueológico Português, o monte de São Romão ou Citânia de Briteiros, cujos terrenos adquiriu à sua custa.

Francisco Martins Sarmiento era uma personalidade complexa, que suscitou a admiração dos seus conterrâneos e dos seus pares, portugueses e estrangeiros. A vida e a obra do ilustre vimarenense podem, pois, ser iluminadas de vários ângulos. Nesta conferência iremos destacar uma das facetas da sua actividade, a de Arqueólogo.

* Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Em anteriores efemérides foram publicados textos de grande mérito. Lembro, por exemplo, as páginas da autoria de José Sampaio impressas no número especial *in memoriam* da *Revista de Guimarães* (SAMPAIO 1900), ou a conferência lida por Vergílio Correia em 9 de Junho de 1933 na Faculdade de Letras de Coimbra (CORREIA 1933) aquando do centenário do nascimento, ou, ainda, o artigo de Mário Cardozo, “Dr. Francisco Martins Sarmiento. Esboço bio-bibliográfico”, no âmbito da Homenagem a Martins Sarmiento, evocado em Guimarães em 1933 (CARDOZO 1933).

Forçoso será repetir aspectos já salientados nesses textos, de modo a que Martins Sarmiento seja devidamente evocado nesta sessão solene, ainda que nos limitemos a lembrar o Arqueólogo.

Aliás, o século XIX é a Idade do Ouro da Arqueologia Europeia, um memorial onde se inscrevem em letras capitais os nomes dos fundadores de uma nova “sciência”.

É verdade que temos de reconhecer, como sublinhou Alain Schnapp, no seu excelente livro *La Conquête do Passé*, que o estudo e restauro dos valores arqueológicos é uma invenção polivalente, que ocorreu em sociedades antigas, com escrita: no Egipto no II milénio a. C., ou na civilização assíria no século IX antes de Cristo, para apenas referir dois exemplos (SCHNAPP 1993, 13-18; 41-56). Sabe-se, também, que registos exactos do passado se conservaram ao longo de séculos em sociedades cuja memória se estrutura na oralidade, como se confirmou na Oceania (GARANGER 1980, pp. 187-204).

Também na Europa do Renascimento e da Idade Moderna os antiquários registaram, com uma precisão e minúcia admiráveis, os vestígios de universos já dissolvidos no tempo como a Antiguidade Clássica.

Todavia, todos estes ensaios, mesmo os mais fascinantes e fidedignos, estavam fechados em molduras temporais e em discursos rígidos, ou sobreviviam sacralizados.

De facto, as fundações, os alicerces de um novo edifício cognitivo, a Arqueologia, foram lançados na Europa do século XIX, a tal Idade do Ouro.

Por um conjunto de circunstâncias históricas, que seria ocioso evocar neste texto, os europeus do século XIX, que se interessavam pelo passado, estavam numa posição privilegiada, pois conheciam a diversidade espacial das culturas e já sabiam que o tempo se estendia para além do Dilúvio.

Aliás, não há no contexto europeu de oitocentos, diferenças cronológicas apreciáveis no desenvolvimento da Arqueologia entre os diversos países.

Em Portugal foram duas as gerações que se inscreveram na galeria dos fundadores.

Uma, nascida entre 1800 e 1815, lançou as primeiras escavações e publicou as primeiras memórias. Neste contexto destacam-se Francisco Pereira da Costa (1809-1896) e Carlos Ribeiro (1813-1882), responsáveis pela Comissão dos Trabalhos Geológicos, criada em 1857.

A seguinte, nascida na década de 30, recolheu as sementes e construiu os alicerces de um novo saber.

Nesta segunda geração, a que estabeleceu as bases da Arqueologia científica, está Francisco Martins Sarmiento (1833-1899), a par de outros nomes como Joaquim Nery Delgado (1835-1908), cuja actividade se inseriu no quadro da Comissão Geológico, ou Estácio da Veiga (1928-1892), a quem o Governo cometeu a Carta Arqueológica do Algarve, publicada em três volumes.

Martins Sarmiento é ainda um príncipe do Renascimento. Habita em Guimarães um palacete. A sua fortuna assegura-lhe as horas de ócio indispensáveis à leitura dos livros, que recebe regularmente de França, da Inglaterra, da Alemanha, e à correspondência assídua com investigadores portugueses e europeus. Possuía, também, o tempo suficiente para aprender as novas técnicas de registo, como a fotografia, de que foi um dos primeiros a utilizar, em Portugal, em trabalhos arqueológicos e na sua divulgação.

A sua fortuna permite-lhe, ainda, promover reuniões eruditas em Guimarães, como a célebre Conferência da Citânia, celebrada em 1877 (LEMOS 1985, 195-203). Permite-lhe, também, acolher com pompa, circunstância e um excelente “lunch”, o grupo de congressistas europeus, que em 1880 se deslocou ao remoto Vale do Ave, a fim de visitar a Citânia de Briteiros (LEMOS 1988, 43-56). Os seus recursos financeiros são suficientes para custear não só as escavações arqueológicas que orienta directamente, como também os que confia a colaboradores, caso de Henrique Pinheiro, professor do Liceu de Bragança que estuda a *Civitas Zoelarum*, no outro extremo do Norte de Portugal, cerca de três quilómetros a sudoeste da cidade de Bragança, bem como a Mamoa de Donai, que adquiriu (LEMOS 1993, 43-47).

Francisco Martins Sarmiento não é apenas um mecenas, um generoso anfitrião, um pesquisador de ruínas e um colecionador de antigualhas, como na época se dizia.

Possuía uma formação académica, pois era bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra¹.

Mas, o seu saber foi sobretudo adquirido em inúmeras leituras.

É necessário sublinhar que estes homens viveram um momento excepcional em que o tempo se dilatou e se reconheceu a diversidade das espécies e dos povos, em que se publicaram obras fundamentais para o conhecimento científico moderno, abrindo-se a perspectiva de uma evolução balizada por sucessivas etapas cronológicas: a Idade da Pedra Lascada, da Pedra Polida e dos Metais (Cobre, Bronze e Ferro).

Martins Sarmiento formou-se em 1953, muito jovem com apenas vinte anos. Mas é na década de 50, em 1859, que a obra revolucionária de Boucher de Perthes *“Antiquités Celtes et Antédilluviennes, Mémoire sur l’industrie et les arts à leur origine”* é reconhecida pelos meios académicos e que Darwin publica o seu célebre livro *“On the Origin of the Species”*.

Estabelecida a ruptura entre a Bíblia e os testemunhos arqueológicos de um universo pré-diluviano, a descoberta das origens era um objectivo empolgante para as novas gerações, formadas após as últimas sequelas dos conflitos entre absolutistas e liberais.

Pela sua parte Francisco Martins Sarmiento chama a si a tarefa de descobrir as origens das “cidades mortas” do Noroeste de Portugal, tentando estabelecer a etno-génese dos povos que as habitaram, destrinchando as suas relações com o universo mediterrânico e com os povos da Europa Central.

Neste particular Francisco Martins Sarmiento não se apoia na tradição erudita, não se esgota em comentários às obras clássicas como a Ora de Avieno, que publica em 1886. Opera uma ruptura científica: realiza extensas escavações numa das “cidades mortas”, já citadas por antiquários, a Citânia de Briteiros. Interroga-se perante os vestígios materiais exumados e recolhidos, divulgando os resultados através de albuns de fotografias, que envia à Sociedade de Geografia, ao Instituto de Coimbra e à Real Associação dos Architectos e Archeólogos Portugueses². Convém notar que estes álbuns constituem

¹ Terminou o curso com vinte anos de idade, ou seja em 1853, pela que a sua estadia em Coimbra é ligeiramente anterior ao do grupo de Antero de Quental, Eça de Queirós, ou Alberto Sampaio.

² Recentemente a Sociedade Martins Sarmiento reeditou estes albuns, com breves notas introdutórias de Rita

uma eloquente cadeia de imagens, apoiadas num breve caderno de legendas.

E vai mais longe: pretende discutir *in loco* os resultados concretos das suas pesquisas. Convoca para a Citânia as personalidades das principais instituições científicas da época relacionadas com a Arqueologia. Ou seja, para além das três entidades já mencionadas no parágrafo anterior, a Comissão Geológica e a Real Academia de Ciências. Celebra-se, assim, a Conferência de 1877 (LEMOS 1985, 195-203). Contudo o balanço científico do evento foi reduzido, ou pouco satisfatório, como aliás o próprio Martins Sarmento confessa a título particular.

Todavia, o impacte mediático do acontecimento foi relevante e eficaz. A Imprensa local e nacional fez uma cobertura exemplar da Conferência, multiplicando-se os artigos³. Por sua vez os participantes, em revistas eruditas, descrevem a Citânia e os mistérios que suscita, incluindo o da célebre Pedra Formosa⁴.

Guimarães torna-se, assim, a capital da Arqueologia do Norte do país.

No entanto, será, dois anos depois, em 1880, com a excursão à Citânia dos participantes no quadro da nona sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, que o universo temporal descoberto por Martins Sarmento se expande para lá das fronteiras do país.

Note-se que a convocatória para Lisboa da nona sessão do CIAAP foi motivada pelas deslocações de Carlos Ribeiro às reuniões científicas de Bruxelas (1872) e de Paris (1878), nas quais noticiou achados de utensílios em sílex que indiciavam a possível existência, na Península de Lisboa, do Homem Terciário (SILVA 1980, 50-60).

Todavia, a inclusão na agenda do Congresso de uma viagem ao norte do país, a fim de se observar as ruínas de Briteiros e Sabroso, é um sinal indicativo das repercussões da Conferência de 1877 no universo científico.

A reunião em Lisboa teve honras de acontecimento nacional, sendo solenemente aberta pelo Rei D. Luís. Teve exaustiva cobertura

Siza e Francisco Sande Lemos.

³ Destacam-se os textos de Manuel Rodrigues, do Comércio do Porto, que realizou uma excelente reportagem multifacetada, desde os aspectos científicos à vertente social do evento.

⁴ Para uma bibliografia extensa dos textos publicados após a Conferência remetemos para Francisco Sande Lemos (1985).

mediática, a que não faltou a versão de Rafael Bordalo Pinheiro o qual, a par das habituais críticas corrosivas ao poder político, não deixou de retratar com fina ironia os congressistas⁵. As sessões decorreram em finais de Setembro e foram presididas por Andrade Corvo, Ministro da Instrução, o qual seria, no dizer de Bordalo Pinheiro: “Documento destinado a persuadir os estrangeiros de que é possível em Portugal, ainda que esporadicamente, ser o mesmo indivíduo um ministro d’estado e um homem instruído”.

Concluídos os trabalhos, efectuou-se a prevista excursão ao Norte, aproveitando os novos equipamentos de comunicação, ou seja os Caminhos de Ferro, lançados pelo fontismo.

No vale do Ave, os “sábios”, como então se dizia, renderam-se à personalidade e ao trabalho do seu colega vimarense.

Entre os sábios está um ilustre antropólogo alemão, Rudolfo Luís Carlos Virchow (1821-1902), médico patologista, professor da Universidade de Berlim e insigne político. Durante 51 anos teve assento no Parlamento da Prússia. Durante treze anos foi deputado do “Reischtag”. Reformista, e liberal, foi um obstinado adversário do “chanceler de ferro” Otto Bismarck, de tal modo que este o desafiou para um duelo, em 1865. Virchow declinou, dizendo que as armas não são a solução adequada para as questões políticas.

Rudolfo Virchow é uma das personagens da História Contemporânea Alemã, talvez mais conhecido como médico e político, ou como precursor da assistência social e da democratização do ensino, do que como investigador de antropologia.

As páginas que escreveu sobre Martins Sarmiento e a Citânia de Briteiros, são eloquentes e mostram que Portugal era, nesse fim de século, um país integrado na Europa, num espaço em que a cultura funcionava como importante plataforma transnacional. Regressado a Berlim, redige o seu relatório, publicado em “*Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft*” (Novembro de 1880, 343-351) e parcialmente transcrito para a actas do Congresso (ACTES, 647-662). Ouçamos a sua voz, em tradução francesa, na época a língua oficial das actas das reuniões científicas:

“Il se trouve dans ces lieux, un homme, M. Sarmiento, résidant à Guimarães, lequel, semblable à Schliemman, dépense depuis des

⁵ Vitor Gonçalves publicou um texto com excertos das imagens e comentários do *António Maria*, com breve introdução (GONÇALVES 1880). Esta brochura, divulgada por ocasião do Congresso Nacional de Arqueologia de Faro, restitui bem a ironia de Rafael Bordalo Pinheiro, mas o melhor é sempre consultar a revista.

années des grosses sommes dans ces fouilles. Il a fait l'acquisition des lieux mêmes pour les garantir contre les mains inhabiles. Chaque année il fait fouiller une partie de la surface du terrain et ressembler soigneusement tous les objets recueillis, de sorte qu'il se trouve à présent en possession d'un si grande nombre de pièces, qu'elles peuvent former, à elles seules, un petit musée".

A comparação entre F. Martins Sarmiento e H. Schliemman não é uma figura de retórica. Pouco anos antes do arqueólogo português iniciar as escavações de Briteiros (1874), Schliemman, uma figura quase lendária, um homem de negócios que acumulara uma grande fortuna, dedicou os últimos anos da sua vida à Arqueologia, escavando na Turquia o sítio de Hissarlik, que supunha ter sido a Tróia de Homero. Mais tarde irá revelar na Grécia o esplendor da civilização micénica⁶.

Tal como Virchow, um arqueólogo francês, este mais investigador do que político, Émile Cartailac (nascido em 1845 e falecido em 1921), também se entusiasmou com as ruínas da Citânia, contribuindo para a divulgação europeia do trabalho de Martins Sarmiento, em especial no seu livro "Les Âges Pré-Historiques de l'Espagne et du Portugal", publicado em 1886, livro que se tornou num autêntico compêndio para sucessivas gerações de investigadores.

Professor de Antropologia na Faculdade de Ciências de Toulouse e secretário do Museu de História Natural da mesma cidade, E. Cartailac representava o Ministério francês da Instrução Pública. O pré-historiador francês, muito activo era segundo Rafael Bordalo Pinheiro "... a Archeologia na forma de pé de vento. No lugar para que ele olha os papéis esvoaçam nas mesas e os fósseis, dentro das suas vitrines estremeçam".

Escreveu Cartailac: "Il y a dans le nord du Portugal, à Guimarães, un homme instruit et fortuné, enthousiaste et généreux, qui s'est dévoué à l'histoire de son pays.

Monsieur Martins Sarmiento, à la suite de fouilles très considerables, a mis à jour des ruines de la plus haute importance. Les résultats de ses recherches vont nous permettre, elles aussi, de noter des liens positifs entre la péninsule, l'Italie et la Grèce, de combler en

⁶ Sobre a vida e obra de Heinrich Schliemman há numerosa bibliografia. Remetemos para uma breve síntese, divulgativa impressa num obra de carácter genérica editada por Paul G. Bahn (1996, pp 144-145).

partie l'intervalle qui sépare les temps proto-historiques de l'époque romaine."

Após esta referência ao arqueólogo português, o investigador francês dedica vinte duas páginas à descrição de Sabroso e de Briteiros e à sua inserção no quadro do saber europeu da época (CARTAILLAC 1886).

Sem ter participado no Congresso de Lisboa, de 1880, outro alemão Emílio Hübner, após O equívoco que deu origem ao célebre opúsculo "Observações à Citânia do sr. dr. Emilio Hübner", da autoria de Martins Sarmento, torna-se amigo do arqueólogo vimarenense, divulga os seus trabalhos e refere-se em termos elogiosos ao seu colega português.

Deve acrescentar-se que Emílio Hübner, membro da Academia de Berlim, foi um epigrafista de vulto, responsável pela edição do II volume do *Corpus Inscriptiorum Latinorum*, em 1869.

Deste modo, sem nunca ter saído de Portugal⁷, ao que eu saiba, o arqueólogo de Guimarães alcançou renome europeu e abriu um vasto domínio de investigação: o estudo dos povoados fortificados do Noroeste Peninsular, habitualmente designados por castros.

É verdade que Martins Sarmento nunca chegou a publicar uma monografia exaustiva das escavações que efectuou, conforme mais tarde, em 1897, lhe pediram os jovens entusiastas Ricardo Severo e Rocha Peixoto, os fundadores da *Portugalia* (CARDOZO 1960, 5-20). Todavia lançou os parâmetros de um tema, que ainda hoje suscita interpretações diferenciadas.

Martins Sarmento era um céptico, que obedecia à dúvida metódica e para quem a interrogação era porventura mais importante que as possíveis respostas. Nada o obrigava a fundar um saber. Era um homem livre, independente, intelectual e financeiramente. Por outro lado era discreto: não pretendia impor a sua leitura do passado que descobrira e exumara. Não ansiava por construir e defender um discurso, como ora se diz.

Afirmou, mesmo: "... as minhas escavações tinham por único objectivo procurar elementos que me guiassem mais seguramente que os livros no problema das nossas origens étnicas. Nunca pretendi honras de Arqueólogo".

⁷ Salvo uma breve deslocação ao sul da Galiza, designadamente a Santa Tecla.

Ora a Arqueologia constitui-se, precisamente, como nova disciplina, pelo estudo comparado e exaustivo dos vestígios escondidos no subsolo e foi, deste modo, que rompeu com o saber livresco e colecionista dos antiquários.

Neste sentido, pelas escavações de Briteiros e de Sabroso, e graças à rápida divulgação portuguesa e europeia dos resultados, Martins Sarmiento adquiriu para sempre o estatuto de arqueólogo e de pioneiro da nova dimensão científica da disciplina.

Mais tarde, já no século XX, outros grandes mestres como P. Bosch-Gimpera (1932; 1945) e F. Lopez Cuevillas (1953; 1956) vão enquadrar as cidades mortas do Noroeste numa cultura específica, a chamada Cultura Castreja, estabelecendo-se assim uma notável galáxia cognitiva que perdura até hoje. O trajecto deste conhecimento, como saber, tem sido analisado (MARTINS 1995, 127-137). O universo aberto pelo arqueólogo vimarenense continua a ser tema de inúmeros estudos e os ângulos de leitura que, embora mais elaborados, ainda orbitam em redor de algumas questões enunciadas no século XIX. Seria aliás muito interessante analisar o trajecto desta problemática, a da Cultura Castreja, não só no quadro específico da História da Arqueologia, mas também à luz da História das Ciências e da Sociologia.

Todavia, o tempo é limitado e quero aproveitar o ensejo desta conferência para algo mais.

Evocar uma figura, lembrar uma obra e um tempo, pode não ser é um exercício de revivalismo, ou um ritual obsoleto. O futuro constroi-se no presente em função do passado, como memória actuante.

O I Centenário da morte de Francisco Martins Sarmiento poderá ser mais uma efeméride e, mesmo, a ocasião para um congresso cujos resultados científicos serão por certo de grande utilidade no avanço dos conhecimentos.

Mas, se quisermos, poderá também ser o momento para abrir novos caminhos e projectar ideias.

Assim, a concluir esta intervenção atrevemo-nos a regressar ao presente imediato, lançando um desafio às autoridades estatais, autárquicas e académicas, enfim, à sociedade em geral.

A personalidade e a obra de Martins Sarmiento têm sido perpetuadas pela própria Sociedade, que tem o seu nome e com os recursos de que dispõe.

Todavia, cumpre-nos a todos nós e em particular ao Estado, ir mais longe, ampliando a memória dos portugueses que, como Francisco Martins Sarmiento, no século XIX imprimiram um novo fôlego a um país que definhava.

Justifica-se, pois, que o Ministério da Cultura, em parceria com a Câmara Municipal de Guimarães, institua um Prémio Europeu de Arqueologia Martins Sarmiento, bienal e com o objectivo de distinguir os jovens investigadores da União Europeia, que realizem trabalhos dignos de mérito no âmbito da Proto-História.

Justifica-se, também, que as entidades que tutelam o património arqueológico, designadamente o Instituto Português de Arqueologia e o Instituto Português do Património Arquitectónico inscrevam nos seus orçamentos para os próximos anos as verbas necessárias a um projecto de valorização da Citânia de Briteiros, tanto mais que aquele monumento foi o primeiro parque arqueológico português, sendo anualmente visitado por milhares de pessoas, entre arqueólogos, alunos do ensino superior e escolas secundárias, turistas e grupos associativos. O seu roteiro, redigido pela primeira vez em 1930 (da autoria do saudoso Coronel Mário Cardozo) e revisto em 1970, já vai em mais de dez edições.

É indispensável que a Citânia de Briteiros possa figurar entre os itinerários culturais europeus, nos dias de hoje, como foi no século XIX e na primeira metade da centúria que ora finda.

Pelo seu lado a Universidade do Minho poderá contribuir de forma decidida na divulgação multimédia da figura, da obra e do legado deste ilustre vimarenense e português.

Seria, também interessante que a AURN criasse um prémio de mérito escolar "Martins Sarmiento" destinado ao melhor aluno da Licenciatura de História - variante ou ramo de Arqueologia - sob a forma de bolsa destinada a frequentar cursos de mestrado na área disciplinar de Arqueologia, nas Universidades de Santiago de Compostela, Minho ou Porto.

Acredito que as autoridades e entidades mencionadas, não vão ficar quedas e mudas, face a estes reptos lançados de boa fé, os quais são, pelo menos no meu modesto entender, o corolário óbvio dos testemunhos das grandes figuras europeias, que no século XIX se referiram a Francisco Martins Sarmiento.

E, assim, com este voto de esperança, termino.

Bibliografia

ACTES DU CONGRÈS INTERNATIONAL D'ANTROPOLOGIE ET D'ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUES (9^a SESSION, LISBONNE 1880), 1884, Lisboa.

BAHN, Paul G. (1996) – *The Cambridge Illustrated History of Archaeology*, Cambridge U. Press.

BOSCH-GIMPERA, P. (1932) – *Etnologia da Península Ibérica*, Barcelona.

– (1945) – *El poblamiento antiguo e los pueblos de España*, México.

CARDOZO, Mário (1933) – Francisco Martins Sarmento. Esboço bibliográfico, *Homenagem a Martins Sarmento*, Guimarães.

– (1960) – Cartas de Ricardo Severo a para Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, 1960, 70 (1-2), pp 5-20.

– CARTAILLAC, Émile (1880) – Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques, 9^a session, Lisbonne, Septembre 1880, *Materiaux pour l'Histoire Primitif et Naturelle de l'Homme*, XVI année, tome XI, 2^a série, Paris.

– (1886) – *Les Âges Préhistoriques de L'Espagne et du Portugal*, Paris.

CEULENER (1880) – Fouilles faites par M. sarmento dans la province du Minho, au Portugal, *Bulletin de l'Académie de Archéologie de Belgique*, separata, Anvers, 3 p.

– (1882) – Le Portugal. Notes d'Art et d'Archéologie, *Bulletin de l'Académie de Archéologie de Belgique*, separata, Anvers, 41 p.

CORREIA (1933) – No Centenário do Nascimento de Martins Sarmento, *Biblos*, 9, 537-552, Coimbra.

GARANGER, (1980) – Tradition orale et pré-histoire en Océanie, *L'Archéologie*

Aujourd'hui, (ed. Alain Schnapp), Hachette, Paris, 1980.

GONÇALVES, Victor (1980) – O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa 1880): leitura seguida de Crónica de Bordalo Pinheiro, Lisboa, 44 p.

LE MOS, Francisco Sande (1985) – A conferência de 1877 na Citânia de Briteiros, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, Braga, pp. 195-214.

– (1988) – A excursão ao Norte de Portugal do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (1880): Braga e a Citânia de Briteiros, *Forum*, 4, Braga, pp. 43-56.

– (1992) – Alberto Sampaio na Arqueologia do seu Tempo, *Revista de Guimarães*, 102, pp. 371-383.

– (1993) – *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Volume I-a, Universidade do Minho, Braga,



casadesarmento

centro de estudos do património

– (1995) – Martins Sarmento na Arqueologia Portuguesa dos anos setenta e oitenta, *Revista de Guimarães*, 105, pp. 117-126.

LOPEZ CUEVILLAS, José (1953) – *La civilization céltica en Galicia*, Santiago de Compostela.

(1956) – *La Edad del Hierro en el Noroeste (la cultura dos Castros)*, Madrid.

MARTINS, Manuela (1995) – Martins Sarmento e a Arqueologia dos Castros, *Revista de Guimarães*, 105, pp. 127-138.

PINHEIRO, Rafael Bordalo (1880) – *António Maria*.

SAMPAIO, José (1900) – Francisco de Martins De Gouvêa Moraes Sarmento, *Revista de Guimarães*, Número especial *in Memoriam*, Porto

SCHNAPP, Alain (1993) – *La Conquête du Passé. Aux origines de l'Archéologie*, Éditions Carré, Paris.

SILVA, A.C. (1980) – O Homem Terciário Português, *História*, pp.50-60, Lisboa.

VIRCHOW,

Nota complementar: a maioria dos dados relativos a Rudolf Virchow foram obtidos no "site": <http://www.ukrv.de>. Agradecemos ao dr. Paulo Bernardes a tradução do texto alemão.